

OS CORPOS CANSADOS DOS QUE “PEGAM CARREGO”

Roselaine Kuhn¹

Grasiela Oliveira Santana da Silva²

Resumo: O estudo analisa os sentidos e significados do corpo para crianças trabalhadoras que “pegam carrego” nas feiras livres periféricas e no Mercado Central de Aracaju/SE. A pesquisa tem caráter descritivo-qualitativa com observação livre e entrevista semi-estruturada. Os “corpos-objetos” provêm o sustento à renda familiar e, em virtude da sobrecarga diária de obrigações, têm a infância furtada. Pela brincadeira, em tempo exíguo, reinventam seu cotidiano. Na dimensão lúdica se reconhecem enquanto “corpos-sujeitos” portadores de desejos, desgostos, dores e cansaço, construindo-se divididos entre o perverso mundo do trabalho e o possível mundo da fantasia. Os “corpos-sujeitos” materializam-se num mundo da vida forjando uma infância singular, muito distante do conceito projetado pela modernidade.

Palavras Chaves: *Infância, Corporeidade e Ludicidade.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo parte do pressuposto de que o corpo da criança constitui-se numa forma singular de ser-no-mundo e na vida do sujeito. Materializa-se numa rede de comunicações mediada especificamente pela linguagem da brincadeira, ou seja, a corporeidade da criança se constitui a partir do ato de brincar como a linguagem primeira da qual ela lança mão para se relacionar com o mundo, com os outros, com os objetos e consigo mesma. Tal materialidade é tecida pela dimensão lúdica e forjada pela percepção

¹ Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI/RS; professora do DEF/UFS - Departamento de Educação física da Universidade Federal de Sergipe; Membro do NUPECI – Núcleo de Pesquisas e Estudos da Corporeidade e Infância.

² Licenciada em Educação física pelo DEF/UFS; professora da rede Municipal de Ensino de Simão Dias/SE; Membro do NUPECI.

corporal. Portanto, o corpo da criança se faz sujeito descobrindo e experimentando o mundo de maneira imaginativa e criativa, e, portanto, lúdica, pois praticamente tudo que a criança faz, ela o faz brincando.

Neste sentido fez-se um esforço para compreender como crianças, presas a uma função utilitarista de corpo, percebem e concebem a noção de corpo na infância. Para tanto, o estudo tem como objetivo compreender quais os significados que a criança em situação de risco, especificamente a criança trabalhadora, projeta a partir de seu corpo e a partir das experiências tecidas no seu mundo da vida e, na mesma medida, a partir dos usos que faz do seu corpo, compreender o que representa o seu corpo para si. Os sujeitos da investigação são crianças entre os oito e doze anos de idade que trabalham diariamente nas feiras de produtos comerciais comestíveis da periferia da cidade de Aracaju/ SE (bairros Augusto Franco e Orlando Dantas), bem como no Mercado Municipal Central da capital denominado “Mercado Thales Ferraz”.

A coleta de dados foi realizada através da observação livre e entrevistas semi-estruturadas, ambas acompanhadas do registro fotográfico como elemento secundário, porém não menos importante, pois cremos que as imagens nos possibilitam apreender, intimamente, a realidade concreta das crianças e sua corporeidade viva. O período de realização das entrevistas correspondeu aos dias 05/03/04 a 18/03/04. Porém, anteriormente a este período, realizou-se um processo de aproximação dos sujeitos de, aproximadamente, trinta dias e que consistiu em visitas periódicas às feiras comerciais a fim de identificarmos os sujeitos, os horários que freqüentavam as feiras, as condições de trabalho, de modo a observar e antecipar o cotidiano destes. Na mesma medida realizamos os contatos iniciais com as crianças pela necessidade de assegurar aos sujeitos a seriedade da pesquisa, sem agredir e invadir o seu cotidiano e, ao mesmo tempo, para que posteriormente nos concedessem as entrevistas do modo mais fidedigno possível. Este período de aproximação é sempre recomendável no sentido de se estabelecer uma relação de não neutralidade ao mesmo tempo em que, em se tratando de pesquisa do tipo descritiva/ qualitativa e pela natureza do objeto, pensa-se ser mais interessante para que se apreenda a concretude dos corpos observados.

Neste período de aproximação, realizamos conversas informais guiadas pelos objetivos da pesquisa e que, posteriormente, ajudaram a compor

o roteiro de perguntas das entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas, devidamente autorizadas pelas crianças, foram gravadas em fitas k-7 totalizando em 15 entrevistas realizadas.

A escolha desses sujeitos está vinculada à natureza da atividade do “carrego” intimamente ligada à faixa etária dos mesmos. O carrego é um serviço informal considerado fácil e, portanto, acessível às crianças, de modo a ser pouco valorizado pelos adultos, sendo naturalizado como uma atividade própria às crianças pobres para que possam ganhar seu sustento.

A atividade de “pegar carrego” diz respeito ao ato de carregar as compras dos consumidores das feiras transportando-as, seja nos próprios braços ou em carrinhos de mão, durante todo o tempo que o consumidor gasta para realizar suas compras e, geralmente, conduzindo-as até o local de acomodação das mesmas.

Os pequenos carregadores os acompanham até os pontos de tomada de ônibus ou estacionamentos, no caso do transporte ser realizado de automóvel particular. Mas se o consumidor residir nas redondezas das feiras, o carrego é realizado até as residências destes, findando a tarefa em longas e extenuantes caminhadas. Por esta atividade os beneficiados pagam o que lhes convier, na maioria das vezes não passando de R\$ 0,50 (cinquenta centavos). Raríssimas vezes recebem em torno de R\$ 1,00 (um real), mas nunca mais do que isto por carrego realizado. Ao final do dia, somam em média uma quantia correspondente a R\$ 10,00, o que indica bastante movimento entre consumidores e os feirantes. Aos sábados e domingos estes valores variam, eventualmente aumentando.

No Brasil, o processo de industrialização, que nas comunidades ocidentais também é contemporâneo da revolução científica, é deflagrado tardiamente. Deu-se entre os anos de 1885 e 1930, acentuando as diferenças marcadas pela má distribuição de renda, principalmente nos centros urbanos em conformação (TOZONI-REIS, 2002, p.29). Na esteira da distinção entre as classes sociais, emergem as famílias dos trabalhadores, sejam operários formais ou em situação de trabalho não regularizado, bem como os camponeses empobrecidos e não proprietários de terras. Para estes, indistintamente, a venda da força de trabalho é a garantia de seu sustento, e isto se estende às crianças destas famílias, principalmente no meio rural onde

o trabalho infantil sempre foi de certa forma naturalizado. Historicamente isto se verifica no número de membros que constituem a prole das famílias rurais no sentido de compor-se um contingente necessário à mão de obra exigida pelo campo.

Nesta mesma esteira o processo de industrialização leva às cidades um grande contingente de trabalhadores rurais que não são imediatamente absorvidos e que, paulatinamente, vão desenvolvendo estratégias de sobrevivência. Para o suprimento de suas necessidades como condição básica para a sobrevivência, o abandono da escola por parte das crianças, intensifica algo que sempre existiu: a exploração da mão de obra infante. No início do século XX, a indústria têxtil é uma das recordistas na contratação de crianças e, por isto mesmo, a campeã em mutilações e mortes de crianças por acidentes de trabalho.

O novo mundo do trabalho, instituído pela industrialização e pelo capital, intensificou as desigualdades sociais e consolidou duas classes antagônicas: a burguesia industrial, como classe hegemônica, e a classe trabalhadora como classe subalterna. A pobreza é base do trabalho infantil e a estrutura do mercado cria condições favoráveis para a sua inserção neste; a mão-de-obra barata da criança torna-se a garantia de altos lucros, e a força de trabalho infantil transforma-se num importante e indispensável instrumento de complementação da renda familiar. A junção e difusão da idéia de trabalho como sinônimo de cidadania e da criança com um potencial miniaturizado, resulta na forma explícita de exploração e expropriação da infância.

Portanto, são as crianças trabalhadoras os “corpos-objetos” que dão o alicerce às injustiças e à exploração dos expropriados. Deste modo, se verdadeiramente desejamos eleger a dignidade da vida como um novo valor para o século XXI há que se começar pela retomada do conceito de infância, devolvendo às crianças o que a elas foi dado (comprovadamente) pelos estudos que desenvolvemos no século XX: o direito de brincar e estudar, seja nas ruas ou nos bancos escolares, garantindo o desenvolvimento pleno de suas habilidades e, entre estas, uma em especial, e na mesma medida tão cara para os humanos: a criatividade e inventividade imaginativa. Além desta, poderíamos ainda somar a intuição e a fantasia como dois importantes elementos constituintes do que convencionamos chamar de imaginário infante,

idealizado principalmente a partir dos estudos desenvolvidos pela psicologia e pedagogia modernas.

O homem se presentifica pelo seu corpo encarnado existencialmente, através da autopercepção, da percepção do mundo e das experiências vividas. Portanto, a grandiosidade do corpo está em percebê-lo como a própria presença e consciência encarnada do homem no mundo. O homem é corporeidade e torna-se humano a partir dos sentidos e significados tatuados nesta presença. O mundo que o cerca, o convoca a compreender as coisas e a si mesmo.

Na infância a corporeidade é movimento, é gesto, é expressão, é criação, é intuição, imaginação, é presença lúdica encarnada numa teia de símbolos e signos que promovem o desenvolvimento das outras linguagens. Mas a brincadeira é a linguagem primeira da qual a criança se socorre para tecer e situar-se na rede de comunicações que a recebe, que a provoca e que a desafia a sentir, a gozar, a sofrer e a suportar o mundo.

A criança que trabalha, não dispõe integralmente desta condição. Ela antecipa, transita e habita um outro mundo: o mundo dos adultos que reinventa, a cada dia, múltiplas maneiras de se embrutecer. Porém, a supremacia do racionalismo econômico que condiciona e determina este universo, não é suficientemente competente para aniquilar e suprimir por completo a natureza ontológica da infância, habitada (desde sempre) pela dimensão lúdica. A ludicidade ainda ecoa, mesmo que desafinada, entre os infantes que proclamam a necessidade de viver com alegria, prazer e sonhos.

Seus corpos registram as marcas do envelhecimento precoce de quem carrega “nos ombros” a responsabilidade de trazer o dinheiro para casa no final do dia ou de tomar conta dos irmãos menores, enquanto os adultos se ausentam. Isto é evidenciado no discurso expressado, na maneira de agir e na profunda esperança de que, um dia, será diferente.

Os pequenos trabalhadores sabem da sua condição de explorados e expropriados. Sabem da inversão de responsabilidades que as colocam como provedoras de suas famílias, pois reclamam da impossibilidade de mais tempo para brincar e do cansaço que se instaura no corpo ao final da jornada de trabalho. E é assim que suportam a vida, não se esquecendo de dialogar com

este mundo de uma maneira divertida, mesmo que por alguns poucos instantes.

O “corpo-objeto”, que também denominamos de “corpo-instrumento”, configura-se como um corpo utente³, uma ferramenta que serve para deslocar-se de casa para o trabalho e para carregar as mercadorias dos consumidores nas feiras. Para tanto, “ter” um corpo é mais importante do que “ser” o próprio corpo. Este se situa numa esfera exterior a si próprio. É o discurso que proclama que “eu tenho um corpo” e que sufoca a possibilidade de reconhecer que “eu sou meu próprio corpo”. Sendo assim, a criança se percebe a partir da finalidade do seu corpo somente para o trabalho e, portanto, é o corpo que não tem tempo para brincar, pois à noite precisa descansar, para que no outro dia esteja novamente utilizável. Sua vida é o próprio trabalho: “Sou feliz porque eu trabaio muito” (entrevistado n° 2, 10 anos).

Já o corpo-sujeito, que denominamos de “corpo-brincante”, “É a gente” (entrevistado n° 3, 10 anos) que em fortuitos momentos se percebe enquanto ser-no-mundo e que sente “Animação” (entrevistado n° 1, 11 anos) e “Alegria” (entrevistados n° 2, 10 anos) de vez em quando, num tempo e espaço exíguo e residual.

Indiscutivelmente o traço definidor da infância é o lúdico, a liberdade, a imaginação, a fantasia, o sonho, o movimentar-se com prazer, o jogar; elementos e atividades que deveriam ser prioritárias nos dois primeiros setênios na vida de qualquer ser humano.

Ao mesmo tempo em que a sua forma de agir, de pensar e de compreender a vida nos chocaram durante o período de convivência com os entrevistados, nos encantou o prazer evidente de viver. São solidários, ajudam-se uns aos outros; sonham com coisas que aos nossos olhos parecem ser tão simples, ao passo que a felicidade estaria garantida para muitos pela presença

³ Esta expressão foi apropriada a partir de Gilles Brougère (1994), analogamente ao que denomina de “brinquedo utente” e que traduz uma condição de funcionalidade ao objeto, no sentido daquele que usa ou desfruta de alguma coisa. No estudo, o corpo utente revela-se como uma mera ferramenta de trabalho, um utensílio do qual se dispõe no dia-a-dia, o que acaba delegando ao corpo uma condição de “coisificação” e, por isto, também utilizamos como sinônimo a expressão de Merleau-Ponty (1999) de corpo-objeto. Sendo assim, é minimamente necessário que este corpo apenas “funcione”, que esteja preparado e descansado para enfrentar a labuta do dia seguinte.

da família, pela disposição e força para trabalhar ou, até mesmo, em ter alguém para brincar.

Percebemos que a infância dos “corpos cansados que pegam carrego” é abreviada pelo sistema produtivo, pelo peso das ocupações obrigatórias e pelo compromisso com o trabalho. Todavia, a dimensão lúdica manifesta-se em algumas das ações das crianças, ressurgindo na crueldade deste universo justamente para que elas possam suportá-lo, na qualidade de uma resistência revelada pelo brilho (quase apagado) do olhar que reflete os sonhos e as esperanças de um mundo e de uma vida menos doloridas.

Ao longo dessas observações registram-se inúmeras contradições deixadas pelas marcas do trabalho precoce nos corpos de quem carrega a responsabilidade do sustento do lar: corpos franzinos e maltratados, roupas surradas, pés descalços, feridas na pele, uma aparência triste no olhar e na expressão do rosto, além de uma narrativa que demonstra as responsabilidades de um adulto miniaturizado. Estas foram as primeiras imagens que tivemos das crianças. Entretanto vimos que nesses corpos tatuados pela opressão, também existe um pouco de liberdade, ainda que restrita, onde reina a alegria, a amizade, a conversa descontraída, momentos raros, mas essenciais para que estes, ainda assim, sintam-se humanos.

A análise dos dados coletados percorreu dois caminhos extraídos a partir das respostas das crianças entrevistadas, como também através da observação do comportamento das mesmas. As categorias nos remetem a uma dicotomia clássica já sinalizada: o corpo-objeto ou corpo-instrumento de trabalho, e o corpo-sujeito ou corpo-brincante.

Percebe-se que as crianças trabalhadoras possuem uma concepção de corpo que se configura como corpo-objeto, instrumento de trabalho. Gonçalves explicita que “... no trabalho a manipulação do corpo foi, progressivamente, assumindo proporções cada vez mais graves, com a expansão do sistema capitalista e com o desenvolvimento da tecnologia, onde o movimento corporal tem se tornado cada vez mais instrumentalizado” (GONÇALVES apud CECCO & POZZOBON, 1999, p. 258).



Fig.1- Menino que pega carrego na feira livre do Bairro Orlando Dantas.

Tal fato é notório no discurso das crianças, pois quando indagadas sobre o que é o corpo, deixam claro que é aquilo que os faz trabalhar e auxiliar as suas famílias no que for necessário para manter a sobrevivência do grupo familiar (entrevistado nº 1, 11anos).

Os membros das classes trabalhadoras usam o seu corpo principalmente como um instrumento, como uma ferramenta ou como meio para sobreviver e é preciso, apenas, que ele (o corpo) funcione bem para ir à luta e poder ajudar ou garantir a sobrevivência da família (BOLTANSKI, 1979).

Essa idéia traduz uma concepção de corpo que privilegia o “ter” corpo em detrimento do “ser” corpo, ratificada por uma percepção fragmentada, em que o corpo se situa numa esfera exterior a ele próprio.

Porém, contrária a essa visão de corpo como ferramenta de trabalho, surge um outro significado, ou seja, o corpo é “A gente” (entrevistado nº 3, 10 anos) que, por hora, se percebe enquanto corpo e enquanto ser-no-mundo. Todavia, na mesma medida em que esta criança se percebe enquanto corpo, ela não se dissocia da idéia deste enquanto corpo-objeto e o vê também a partir da sua finalidade no trabalho. Portanto, este mesmo corpo que se percebe enquanto ser, percebe o seu ser como mero instrumento de sobrevivida. Isso nos mostra um desequilíbrio na percepção e constituição do eu, pois a realidade da criança trabalhadora ainda é algo que denota os fenômenos que lhe são exteriores, ou seja, descolados de si, de seu mundo da vida, de sua existência.

No entanto a realidade não é algo que se dá perante os olhos, ela constitui-se necessariamente na teia que costura inevitavelmente o eu e o mundo, ou seja, a realidade constitui-se para mim na relação entre os fenômenos internos e externos à minha corporeidade. (Cf. CECCO & POZZOBON, 1999).

Mediante esta forma de compreender a corporeidade humana, não se admite a realidade enquanto algo exterior a esta, mas sim como uma interpretação da própria subjetividade singularizada de cada ser humano. Tudo o que vemos, ouvimos, pensamos, falamos e a forma como agimos, são construções que se dão a partir da capacidade sensível, ou seja, a partir de percepção corporal constituída no e com o mundo. (idem)

Na medida em que as crianças questionadas afirmam que seu corpo serve apenas para trabalhar, isso nos remete a refletir sobre quanto a nossa sociedade, fundamentada nos princípios do capital, conduz a maioria das crianças pobres a um processo de alienação corporal, no qual somente o trabalho passa a ser a fonte vital e existencial. Isto acaba naturalizando o trabalho opressor e desumanizante, criando as condições favoráveis e necessárias ao mundo da produção e do consumo e, conseqüentemente, a criança pobre e trabalhadora passa a ser travestida por uma imagem de lucro, pois obrigatoriamente ela deve ser um corpo-produtivo.

Assim, o corpo, na sociedade capitalista, é um corpo de classe na medida em que porta em si mesmo o reflexo das relações sociais de produção do homem, caracterizando sua inserção em uma classe social, expressão objetiva e concreta das contradições determinadas pela sociedade capitalista (PIRES, 1993, p. 58).

Além disto, o próprio ato de brincar é subjugado pelo seu caráter supostamente não produtivo. Aos olhos dos adultos, bem como aos olhos do capital, a brincadeira e seu caráter “desinteressado”, não levaria estas crianças a lugar algum e por isto é vista como uma atividade não prioritária para a infância de crianças pobres.

A naturalização do trabalho passa a ser tão evidente que, nos dias que não correspondem aos de realização das feiras periféricas, elas sempre acabam procurando realizar alguma outra atividade para ganhar

um trocado e não ficar no prejuízo: “... eu jogo o lixo, arrumo alguma coisa, jogo cascalho” (entrevistado nº 3, 10 anos).

Esse universo do sub-emprego acaba tornando a criança ainda mais dependente do modo capitalista de produção, que através da sua mão-de-obra barata, condizente com a natureza destas atividades, faz com que ela fique presa a uma idéia de corpo-produtivo, com a função apenas de suprir suas necessidades básicas de vida e que não ultrapassam a esfera do manter-se (mal) alimentado. Todas as demais necessidades, inclusive as consideradas básicas, situam-se em segundo plano, na esfera do não prioritário. Assim é importante para o capitalismo que as classes trabalhadoras não tenham consciência de seu corpo, alienando-se em relação a ele, sendo um dos meios mais eficazes para a efetivação de um padrão corporal desejado e buscado pelo capital.

“É importante à efetivação deste padrão corporal, pois as classes dominantes têm como objetivo fazer com que a classe trabalhadora não tenha/desenvolva uma consciência de que sua formação corporal é de classe, facilitando assim a venda por parte do trabalhador de seu corpo como força de trabalho, ocasionando com isto a expropriação, por parte do capital, do domínio sobre o corpo e, conseqüentemente sobre o trabalhador”. (CODO e SENNE, 1986, p. 59)

Um outro aspecto bastante marcante e intensificador, talvez o principal, desta subordinação da criança ao mundo do trabalho, é a estrutura familiar. A família das crianças entrevistadas geralmente é composta de uma grande prole, e aos pequeninos são atribuídos o papel de ajudar ou até mesmo garantir o sustento econômico da família. Isto é tão determinante na vida das crianças trabalhadoras que elas mudam o próprio conceito de infância. Quando indagados sobre se elas se vêem como criança, a resposta é negativa e reafirmam que já estão velhas. (entrevistado nº 1, 11 anos)

Para as crianças entrevistadas somente se é criança até os dez anos de idade. Na medida em que seu corpo ganha uma estrutura que comporta a sobrecarga diária a que é submetido, está pronto para iniciar-se no trabalho fora de casa. Esta iniciação se dá por volta dos dez anos de idade quando, então, eles já podem tomar o rumo da rua em busca de renda. Isto fica claro

quando as próprias crianças declaram que, além dos bicos, realizam tarefas domésticas desde cedo, e estas não cessam quando passam a desenvolver funções fora de casa, pois quando a necessidade demanda complementar a renda eles executam tarefas pelas circunvizinhanças da residência. Porém, isto não é somente demandado pela necessidade econômica de aumentar os ganhos para o sustento. Ficar sem trabalhar é sinônimo de preguiça, de vadiagem. Desta forma, trabalhar torna-se um elemento imperativo aos valores familiares das classes menos favorecidas, economicamente e culturalmente.

A dificuldade da criança trabalhadora em se reconhecer enquanto criança traduz o estilo de vida ao qual a mesma é obrigada a se submeter, e isso se torna tão natural na sua vida que ela acha justo a realização do trabalho ao qual é submetida. Afirmam e reafirmam que já estão em idade para trabalhar e de assumir responsabilidades. (entrevistado 1, 11 anos)

A constituição desta identidade (a que denominamos de corpo-objeto) sugere a própria negação da identidade da criança infante pela narrativa da própria criança trabalhadora. Isto vem reforçar a busca de uma nova identidade: a de um adulto miniaturizado, já que as mesmas acreditam ter responsabilidade de adultos e, justamente por isso, têm a sua infância ou boa parte desta furtada. Esse amadurecimento precoce torna-se marcante na sua personalidade, no seu jeito de se expressar, de se comportar, de se comunicar e de se movimentar. Elas fazem da sua vida o próprio trabalho, e chegam até mesmo a associar felicidade ao trabalho. “Sou feliz porque eu trabaio muito” (entrevistado nº 2, 10 anos).

Mesmo concebida pelo sistema capitalista como mais um instrumento de trabalho, como um corpo-produtivo capaz de gerar capital, estas crianças deixam transparecer em meio ao trabalho e nas entrelinhas de seu discurso, a dimensão lúdica. Estes corpos traduzem um outro sujeito, denominado de “corpo-sujeito” brincante. Para este a brincadeira está presente em seu mundo enquanto necessidade de sentir-se viva. O brincar, o lúdico e a diversão são elementos preponderantes na infância. Todas as crianças brincam, pois essa é uma condição ontológica essencial para o seu desenvolvimento e para a sua inclusão na sociedade. O lúdico “... quando possibilita a criança afirmar-se como criança portadora de uma natureza humana e social, passa a ser uma

atividade vital, necessária à construção da criança como sujeito histórico e a sua penetração no ‘reino da liberdade’”. (ARAÚJO, 1997, p.112)



Fig. 2 - Menino brincando na feira do Mercado Público Municipal Thalles Ferraz

Apesar de o trabalho se revelar como atividade predominante nas entrevistas realizadas, a brincadeira também faz parte da vida das crianças trabalhadoras. Mesmo sendo vítima da estrutura capitalista, a criança distancia-se da sua vida real e constrói um mundo à parte, onde possa se aproximar da alegria, do prazer e da fantasia. Nestes restritos e reduzidos momentos, o seu corpo passa a falar através da brincadeira. O seu corpo sente através da brincadeira “animação” (entrevistado nº1, 11 anos) e “alegria” (entrevistados nº 2 e 3, ambos com 10 anos). Nesse momento o seu corpo não está mais marcado pela opressão do rendimento, mas sim pela imaginação verificada na qualidade de fuga e de resistência às imposições de um cotidiano cruel. Assim, mesmo submetida ao mundo do trabalho, a criança consegue criar um sentido humano para a sua vida a partir da ludicidade.

Dessa forma, não seria correto afirmar que a criança trabalhadora por estar inserida no mercado de trabalho informal, não seria capaz de construir situações lúdicas, pois afirmam: “Na hora que eu tô trabaiano, aí sempre fica dueno aqui (aponta para a coluna). Porque eu fico muitas veiz assim, sabe? E demoro (demonstra a posição que fica enquanto trabalha). Só aqui assim. Aí a coluna fica dueno” (entrevistado nº 2, 10 anos). Mas quando as tarefas findam e as dores do corpo se tornam insuportáveis, elas penetram em outro universo

e apropriam-se do seu potencial lúdico: “Assim sabe, porque quando eu termino de trabalhá, aí eu brinco” (entrevistado nº 2, 10 anos).

Portanto, torna-se evidente que o brincar e o trabalho são dois elementos antagônicos na vida das crianças em situação de risco. A brincadeira não somente como uma fuga da sua realidade hostil, mas também enquanto uma necessidade vital, pois é através dela que se torna possível perceber-se como ser-sujeito dotado de sonhos, intencionalidades, ansiedades, desejos, valores e paixões.

A sujeição da criança ao mundo do trabalho, retira da sua natureza o humano em favor de uma natureza coisificada. Isso é bastante evidente na própria imagem que a criança tem de si, pois as mesmas não se vêem como possuidoras de um “corpo-sujeito”, mas sim de um “corpo-objeto”, um “corpo-instrumento” com a utilidade tão somente de “ir à luta” para sobreviver. São crianças sem rosto, sem nome, sem voz, sem uma essência infante, e que se constroem enquanto pequenos adultos com corpos cansados, tatuados pela dor e pelo envelhecimento provocado pelo castigo das obrigações precoces.

Mesmo assim, o fato de serem povoados pelo mundo da real e cruel necessidade não faz com que se retire a característica mais marcante dessa fase pueril: pinceladas de um imaginário brincante podem ser encontradas. Submetidas a sua real condição de vida, as suas manifestações lúdicas ainda compõem o traço definidor e caracterizador da criança como criança: o jogo, a liberdade, a imaginação, a fantasia e o sonho, ainda são elementos indiscutivelmente pertencentes aos primeiros anos de vida de qualquer ser humano. Desta forma eles não param de sonhar e de buscar um mundo melhor para si e para sua família, tentando viver e conviver com as pessoas em um mundo mais justo e humano, vislumbrando a possibilidade de transformar sua história e emitindo gritos de liberdade que ecoam através da dimensão lúdica.

Por fim, podemos afirmar que o “corpo-objeto” ou “corpo-instrumento” é marcado por uma velhice precoce, caracterizada nos discurso das crianças que se vêem na mesma condição dos adultos, ou seja, na obrigação de trabalhar, pois já são portadores de uma idade suficiente para desenvolver determinadas funções da ordem das obrigações. Isto se materializa nos seus corpos cansados, nos olhares tristes e numa alegria fugaz.

Percebe-se que o corpo cansado da criança precisa funcionar para o trabalho, pois o brincar, enquanto a possibilidade mais íntima da criança ser, de fato, infante, está furtado ou restrito. Deste modo, a dimensão lúdica, manifesta-se em ações quase que exíguas da criança, ressurgindo em intervalos neste universo cruel, para que os corpos cansados possam suportá-lo, bem como se manifesta na qualidade de uma resistência, revelada pelo brilho fosco do olhar que expressa os sonhos e as esperanças de um mundo melhor.

THE TIRED BODY THOSE "DIFFUSE CARRIES "

Abstract: The study analyzes the hard-working children's corporal perception that you/they do "I carry" in the outlying free markets and in the Central Market of Aracaju/SE. The research is descriptive /qualitative with free observation and glimpses semi-structured. The body-objects prove the family income and, by virtue of the daily overload of obligations, he/she has the stolen childhood. For the game, in small time, they reinvent your daily one. In the leisure dimension they are recognized while body-subjects bearers of desires, displeasures, pains and fatigue, being built divided between the perverse world of the work and the possible world of the fantasy. The body-subjects are materialized in a world-give-life (lebenswelt) forging a singular childhood, very distant of the concept projected by the modernity.

Keywords: Childhood, corporal e leisure.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Vânia Carvalho. **Criança:** do reino da necessidade ao reino da liberdade. 2 Ed. Vitória: Edufes, 1997. (Coleção Estudos Capixabas).

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. 279 p.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo.** Trad. Regina A. Machado. Vol. Nº 5. Rio de Janeiro: Edições Graal/Biblioteca de Saúde e Sociedade, 1979.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2 ed. (Coleção Questões da Nossa Época). São Paulo: Cortez Editora, 1994.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Corporeidade em Maurice Merleau-Ponty. **II Colóquio “Ludicidade e corporeidade na educação inclusiva para DV”** (Conferência de encerramento). Aracaju: DEF/UFS, Nov., 2003.

CARRANO, Paulo César R., “Se der tempo a gente brinca”: o lúdico e o lazer da criança que trabalha e estuda. **Contexto & Educação - Revista de Educación em América Latina y El Caribe**. Ano VIII. Vol. 29. Ijuí, Editora UNIJUÍ. Jan/ Mar.1993.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. **História social da infância no Brasil**. FREITAS, Marcos C. de (org.) São Paulo: Cortez Editora, 2001.

CECCO, L. H. de; POZZOBON, M. E. Sentido(s)/significado(s) do corpo. In: **Revista Kinesis**. N. 21. Santa Maria: UFSM/CEFD. 1999.

FREITAG, Bárbara. Sistema e “Mundo vivido” em Habermas. **Revista do GEEMPA**. Porto Alegre, n. 1, p. 61-63, jul. 1993.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Trad. por João P. Monteiro. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. 243 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A. R. De Moura. São Paulo Martins Fontes, 1999. (Tópicos).

PIRES, Antonio Geraldo M. G. Concepção de corpo: uma questão (des) conhecida. **Ensino e avaliação em Educação física**. São Paulo: IBRASA, 1993.

SANTIN, Silvino. **Educação Física:** Uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí: Liv. Unijuí Ed., 1987. (Coleção Ensaios: Política e filosofia).

_____. **Educação física:** da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST/ESEF, 1994. 107 p.

SARTRE, Jean Paul. **A imaginação.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrnad do Brasil S.A., 1989. 121 p.

SILVA, Maurício R. da. Carta da educação Física à sociedade: Reflexões introdutórias acerca da problemática do trabalho infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** 19 (1). Set/97.

_____. **Trama doce-amarga** – (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica. Ijuí UNIJUI São Paulo HUCITEC, 2003. 356 p. (Coleção Paidéia).

TOZONI-REIS, Marília F. de C. **Infância, escola e pobreza:** Ficção e realidade. São Paulo: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

Recebido em: 25/04/2005.

Aprovado em: 12/11/2005.

Roselaine Kuhn

E-mail: roselainekuhn@yahoo.com.br

Grasiela Oliveira S. da Silva

Email: grasiela.oliveira@zipmail.com.br